

Escola: Casa de Tolerância ou não?

School: House of Tolerance or not?

Claudia Mary May⁶

*Belo é o desejo de Deus
O universo inteiro, jardim,
No jardim, corpos sorridentes de mãos dadas:
Alegria, prazer.*

*O medo é o canto da morte
E o corpo, belo, se contorce...
Livre, se agacha...
Franco, se fecha numa máscara...
Instaura-se a tentação no mesmo lugar em que mora o medo.
E ela se apresenta como promessa de vida. Se a tentação não promettesse vida, não
Fascinaria, não seria tentação.*

Rubem Alves(1984)

RESUMO: O presente artigo trata dos arranjos institucionais pertinentes à educação de gênero. A “Escola” e a “Casa de Tolerância” assumem o papel do lugar onde o sexo só pode ser tratado como algo proibido. Nele questiona-se o que pode ou não ser tolerado. Estas instituições passam a ser o sinal visível daquilo que pretende ser invisível.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Casa de Tolerância, Culpa, Desejo, Educação Sexual.

ABSTRACT: The present article deals with pertinent the institucional arrays to the education of sort. The “School” and the “House of Tolerance” assume the role of the place where sex alone can be treaded as something forbidden. In it is questioned what it can or not to be tolerated. These institutions star to be sign that it intends to be invisible.

KEY WORDS: School, House of Tolerance, Offence, Desire, Sexual Education

Numa placa de um certo bairro de uma certa cidade se lê: “Casa de Tolerância”. Muitos passam por ali e nem se dão conta. Alguns nunca ouviram falar dela. Porém, os que sabem de seu significado, ou colocam-na num canto proibido de suas vidas ou se inquietam. Pois o nome secreto anuncia a presença, mas ainda se mantém na ausência.

⁶ Mestranda em Educação e Cultura – UDESC – Joinville, licenciada em Educação Artística e em Letras (Português/Inglês)

Conforme Vasconcelos (1997, p.64), assim eram curiosamente chamados os bordéis no século XIX:

Vale a pena lembrar que essa “tolerância” apoiava-se em um argumento muito estranho da “Moral Sexo Social”: o de que “a prostituição, é um mal necessário”. Pode um mal ser necessário? Claro, que não, mas esse argumento era usado porque se acreditava (e ainda há quem acredite) que os homens tinham tanta “necessidade de praticar o sexo que, para preservar a “virtude” das esposas, deveriam recorrer aos bordéis. Assim como os solteiros, que para não adoecerem ou não se tornarem homossexuais deveriam freqüentar essas “instituições”.

A “Casa da Tolerância”, assim como um sintoma, denuncia uma sociedade que, esquizofrenicamente, constrói uma cultura que rasga o discurso na prática. A elaboração desse discurso impõe sobre o corpo uma educação que resiste e rompe por meio de práticas escondidas. Onde o tolerado é mais do que o suportado. Revela a luta entre o desejado e o idealizado. Por isso quando se fala nessas instituições de tolerância lembro-me também da escola.

A escola é o lugar idealizado para lapidar a cultura. O idealizado toma corpo, se faz carne na escola. Mas também ali o corpo rejeita o idealizado.

Imagino a escola como uma “Casa de Tolerância”! Na escola há um revelado que insiste em manter-se em segredo. Ali ao se falar em sexualidade se diz como que para não dizer. Marilena Chauí (1985) disse que noutro tempos até mesmo os livros na prateleira eram parecidos com as placas das “Casas de Tolerância”. Ou seja, por exemplo o livro de Oswaldo Brandão da Silva tinha como título: “Iniciação Sexual – Educacional” e como subtítulo – Leitura Reservada”.(Chauí, 1985, p.17) É assim que percebo, ainda hoje, a sexualidade na escola: tolerada.

Confrontar a escola com a “Casa de Tolerância” pode ajudar a indicar um caminho para compreender e intervir. Qual seria o papel social da Casa de Tolerância perante a sociedade? Para que serve? Por que existe? E o da escola? Como nela o adolescente sexuado lida com a tolerância de seu corpo?

Vejamos cada coisa no seu lugar para que possamos entendê-las como duas instituições que lidam com a “tolerância” da sexualidade.

A Casa de Tolerância, enquanto bordel, é um lugar conhecido que passa a ser o desconhecido. Nossas dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade que ali se manifestam são inúmeras. Ela nos aparece como algo incógnito, apesar de ser tida como local próprio para o sexo. Como um bode expiatório, sobre as prostitutas lança-se a culpa do mundo. Sobre o local conhecido/desconhecido constrói-se a

fantasia do negado/proibido o que concede ao tema da sexualidade o efeito do sexo como tabu. Paradoxalmente, esse mesmo lugar guarda, na cultura popular o lugar de iniciação sexual. Um lugar onde a sexualidade ainda mantém sua forma original. Lá os humanos ainda são carne.

Sexo é tabu. Mas sexo é mais que um tabu. Sexo é prazer, sexo é desejo. Entretanto na civilização ocidental o sexo é ainda uma batalha entre o gosto da carne e o ideal da alma. Um tom recheado de proibição, perigo, erro e culpa.

A história da culpa parece que vem sendo carregada pela mulher, desde quando essa deu a “primeira mordida na maçã”. Esta história nos mostra que a mulher sempre foi uma grande vítima no terreno da discriminação. Um dos registros mais antigos da situação social de inferioridade feminina encontra-se no mito hebreu sobre a origem da espécie humana. Nele, a mulher (representada por Eva) é mostrada como um apêndice do homem, por ter sido criada a partir de “uma costela de Adão”. Aliás, está aí apenas uma manifestação de um aparado cultural muito mais amplo e ainda controverso. A conhecida lenda de “Adão e Eva” expressa um germe machista que dá poucos indícios de sua origem.

No livro “Meditações Pagãs” de Ginette Paris,(1984) a autora estuda a mitologia antiga na busca pelas raízes do patriarcado. Conforme sua tese, foi o desgaste do matriarcado e não a imposição pela força que resultou na centralização da figura masculina. Uma tese que, quem sabe, baseada na teoria do pêndulo, crê num ir e vir aos extremos.

A história ocidental pós-Cristo, entretanto, pôs seu acento na masculinidade. O pensamento maniqueísta associou o feminino/mulher ao “mal” e o masculino/homem ao bem. A “arqueologia sexual” desvela que nesse campo as barbaridades causaram grandes estragos. Ergueu-se um verdadeiro arsenal de controle do corpo. (Chauí, 1985)

Até o final do século XIX, as teorias “científicas” formuladas pelos homens para explicar a sexualidade feminina ainda eram carregadas de preconceito e erros, apresentando as mulheres como seres inferiores. Também no início do século XX ainda se acreditava que as mulheres não se interessavam por sexo, pois seu sistema genital só serviria para a procriação da espécie. O instinto maternal, conceito que se expressa como intrínseco à natureza feminina o desejo de ter filhos, é decorrência dessa visão. As mulheres que porventura manifestassem maior desejo sexual, ou que por opção pessoal, não quisessem ter filhos, eram tachadas de anormais, sendo malvistas pela sociedade. E estas, “as malvistas”, são àquelas que talvez poderiam fazer parte da Casa de Tolerância. Neste local, encontraremos a mulher objeto – não a portadora do desejo sexual – e sim lá estarão, àquelas que não são amadas como mães, esposas – mulheres. Mas sim àquelas que são mulheres no leito. Que cumprem seu papel de “ser para o outro”, que têm seus corpos amestrados para satisfazer os desejos do outro.

Neste caso, a conduta feminina está retratada na maneira estilizada com que as mulheres são usualmente representadas na Casa de Tolerância. O homem assume seu papel de macho. O apetite dos homens pelo sexo, com tantas parceiras quanto possível, confirma sua relação de domínio sobre o desejo sexual dele e das parceiras.

Mas o que seria este desejo?

Para Bernardi(1985.p:119),

...o desejo de uma elaboração mental de uma energia coligada por sua vez a uma necessidade, poderia se deduzir daí que o próprio desejo é peculiar e exclusivo do homem, e que todo homem organiza sua hierarquia de desejos, que por sua vez condiciona a exigência de um certo tipo de liberdade.

O homem então seria livre proporcionalmente à sua faculdade de satisfazer seus desejos mais importantes. Os desejos que nossa razão consciente não aceita estão guardados no inconsciente, num local proibido – como a Casa de Tolerância. É lá que encontraremos a repressão – do que pode e o que não pode ser desvelado para a sociedade. O reprimido passa a fazer parte de um mal não revelado.

Passamos então a ter um mundo interior dividido; não diria só interior, mas também exterior, pois é lá neste local que o homem atua num duplo papel: o de esposo e o de amante, e quando solteiro, o da auto-afirmação de sua identidade masculina. Lá esconde de si mesmo uma parte dos desejos. Dos desejos intoleráveis, que, naquela “Casa” tornaram-se toleráveis. Tudo isto é fruto de uma domesticação que o homem impôs a seu próprio corpo.

Os estudos sobre a sexualidade no território brasileiro foram assunto aos romancistas. “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães, explicitou o que ocorria na grande Casa. Uma esquizofrenia entre a sala e a cozinha, como disse Contardo Calligaris.

Um estudo de Sylvia Egydio(2000) e Hiusam Regina de Oliveira aproxima o drama e a resistência das mulheres negras. O subtítulo do artigo diz: “O matador mata sempre duas vezes: a segunda pelo silêncio”. Esse silêncio do não dizer. O cartaz “Casa de Tolerância” denuncia esse silêncio mortal. O que se faz na cozinha com as mulheres negras não deve ser conhecido na sala ou no quarto da Dama Branca. É lá onde a mulher não é mulher, é simples objeto, e o homem não é livre, que o caminho é cheio de armadilhas! Realmente, lá, pode-se de fato, tolerar tudo. Todos os jeitos e posições.

A escola, por sua vez, é uma instituição que está em busca de sua identidade. A escola que conhecemos surge por força do capitalismo. Uma mescla de mosteiro e asilo, a escola oscila entre a revolução e a manutenção do *status quo*.

A sexualidade chega na escola como mal necessário. Ou seja faz-se necessário ensinar os bons modos. Por outro lado, na escola e entre os seus cientistas surgem sempre sinais de resistência e reflexão.

Como parte e reflexo da sociedade, a escola revela as marcas da tradição sexual ocidental. Gikovate (2001.p:127) diz que:

Os meninos chegam à puberdade com um fardo sobre as costas: “são o sexo forte”. As meninas, ao contrário, frustram-se por serem o “sexo frágil”, que também é o inferior. Os meninos se assustam ao se flagrarem sentindo um enorme desejo que os impulsiona em direção às mulheres, enquanto elas se surpreendem pelo fato de passarem a ser tão intensamente desejadas pelos homens.

Refletindo sobre isso, vejo esses adolescentes como que dentro de uma Casa de Tolerância! Os meninos não sabendo o que fazer com seus desejos sexuais, ou se sabem, buscam sua identidade machista. E as meninas assumem aquele velho papel da mulher submissa que fica esperando seu dono. O dono do objeto que ela se tornou.

Um silêncio profundo ainda se esconde por trás da sexualidade na escola. Apenas como uma placa que anuncia, mas o que se diz é dito para que não seja compreendido. Dagmar Mayer (1998) escreve sobre esse silêncio escondido nos temas transversais. Segundo a autora, ainda estamos num discurso infrutífero, que não consegue fazer o discurso virar carne.

Estamos ainda afetados pelo campo de força da tradição machista. Os alunos passam a ser amestrados para que se comportem de modo determinado, precisamente conforme as exigências de um costume considerado apto aos valores moralistas da sociedade atual, assim como outrora rezavam os livros de boas-maneiras para meninos e meninas.(Chauí, 1985, p.103)

Guimarães(1995.p:20), indaga: *Se a escola é o lugar onde se prepara para o mundo adulto, por que o aluno deve penetrar em tal mundo encarando o sexo como uma aprendizagem oculta como um segredo?*

Voltamos ao proibido. E verificamos que a observação “em nosso meio” é uma adequada limitação para a resposta desta pergunta. Percebemos que a questão sexual da adolescência hoje parece estar sempre no limite entre o desejo e a repressão, revelado e escondido.

É na escola, assim como outrora ocorria na Casa de Tolerância, que especificamente na adolescência se manifesta o primeiro contato com o sexo. O primeiro beijo; talvez o primeiro sentir... porém isso ocorre como que no espaço do proibido. O adolescente ainda vive o conflito do duplo, entre o idealizado e o amor, o desejo.

Nossos alunos podem falar de sexo na sala de aula. Mas o dizer convive com o escondido, pouco compreendido. Os locais para o prazer são àqueles lugares escondidos – afinal o escondido tem o seu lado do prazer – “é mais gostoso”. Quem não passou por isto?

O problema agrava-se quando, na adolescência, ocorre a gravidez. A culpa é de quem? Geralmente quem carrega o fardo ainda é a menina-mulher. “A culpa é da mulher que não controlou o desejo”. Talvez ela que tenha sido “a prostituta”. De quem é a culpa mesmo? Mas não é apenas a gravidez que revela a discrepância da sexualidade contemporânea. Estudos recentes revelam que a coesão sexual mutila principalmente as jovens meninas.

Por exemplo, em uma clínica de pré-natal dos arredores de Cidade do Cabo, na África do Sul, 32% de 191 mães adolescentes, cuja idade média era de 16 anos, relataram que sua primeira relação sexual tinha sido forçada. Cerca de 72% informaram terem tido relações sexuais contra sua vontade em algum momento e 11% disseram ter sido estupradas. Se recusassem a ter relações sexuais, 78% disseram que seriam espancadas, 39% temiam ser ridicularizadas e 6% disseram que perderiam seus amigos. Cerca de 58% disseram que seus parceiros sexuais tinham-nas espancado dez ou mais vezes (282). Outro estudo, realizado no Cabo Oriental da África do Sul, mostrou que entre as razões de iniciação sexual dadas mais freqüentemente pelas jovens estavam “fui forçada pelo parceiro” (28%), seguida de “pressão dos amigos” (20%) (50).

Os adolescentes do sexo masculino admitem coagir freqüentemente suas parceiras. No Quênia, por exemplo, durante discussões em grupo, alguns adolescentes de 12 a 14 e rapazes de 15 a 19 anos comentaram: “Primeiro tentamos seduzi-las mas, se continuam a resistir, usamos a força”, inclusive, às vezes, drogando-as ou amordaçando-as para evitar os gritos (301). Durante discussões de grupo na África do Sul, uma adolescente revelou: “Eu realmente acho que o sexo forçado virou a norma. É a forma das pessoas interagirem sexualmente”(450).

Quanto mais jovem for uma mulher por ocasião da primeira relação sexual, maior a probabilidade da relação ter sido forçada. Na Nova Zelândia, por exemplo, uma de cada quatro jovens cuja primeira relação sexual foi antes dos 14 anos informou ter sido forçada a fazê-lo, geralmente por um homem muito mais velho (112). Também nos EUA, 24% das que se iniciaram sexualmente antes dos 14 anos disseram ter sido forçadas (2).(Coerção, 2003)

Esses dados não são diferentes no território nacional. Os temas negados revelam os locais negados. Sabemos que toda escola tem seus locais proibidos que precisam ser trabalhados. Fala-se muito na queda dos tabus sexuais na sociedade moderna, quando na verdade o que parece ter ocorrido é antes a franquia de práticas “parassexuais” do que propriamente a superação de preconceitos existentes. Outros temas como homossexualidade, casamento homossexual, prazer sexual já fazem parte da lista dos temas discutidos, mas que precisam se tornar carne.

Eco (apud Assman, 1996, p.:209) fala sobre o respeito ao corpo. Pela luta da tolerância e pela compreensão das necessidades e os desejos humanos: *“para ser tolerante é preciso fixar antes os limites do intolerável”*.

Na medida em que introjetamos esses valores sociais, essas repressões não há mais necessidade de cintos de castidade, pois a disciplina é internalizada pelo indivíduo. Se ele apenas deseja, mesmo que não realize seu desejo, já é o suficiente para sentir culpa.

A discussão do papel da sexualidade nas nossas relações, a discussão do significado das regras sociais, do desejo e a justa e injusta interdição do prazer são questões que, discutidas, na escola, ajudarão a superar a angústia da intolerância e a definir melhor o papel de cada cidadão.

A placa, assim como as falas sobre o sexo, não significam legitimação e superação. É preciso cuidar para que a escola não assuma o lugar da Casa de Tolerância. Foucault (1977) já denunciou que a partir do século XVIII houve uma proliferação de discursos sobre sexo. Diz ele que foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos, através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico. Essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual. Visavam, sim, o controle do indivíduo e da população.

A placa “Casa de Tolerância” é um sinal visível daquilo que se pretende ser invisível. Desvelar o que aponta a placa é trabalho da escola também. Estabelecer os limites do tolerado e do não mais tolerado é um desafio ético que está em marcha, mas que tem ainda um longo caminho a ser percorrido. Não nos serviu a válvula de escape. Interessa mudar as condições e não apenas o endereço. O lugar do sexo não é na escola. O ser humano sexual vai a escola. Mas sua sexualidade precisa ir além das paredes das Casa de Tolerância.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Creio na Ressurreição do Corpo*. São Paulo: Sagarano, 1984.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a Educação, Epistemologia e Didática*. Piracicaba: Ed. Unicamp, 1996.
- BARNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. São Paulo: Summus, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: Essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COERÇÃO Sexual. Disponível em: <
<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=4236&ReturnCatID=1819>>
Acessado em: 02 fev. 2003.
- EGYDIO, Sylvia; OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Yabas: Mulheres Negras, Deusas, Heriínas e Orixás: personalidades sem fronteiras*. Disponível em:
<http://www.culturavozes.com.br/revistas/0493.html> Acessado em: 11 dez. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIKOVATE, Flávio. *A libertação sexual: rompendo o elo entre o sexo, o poder e a agressividade*. São Paulo: Summus, 2001.
- _____. *O Homem, a Mulher e o Casamento*. São Paulo: M. G. Ed. Associados, 1982.
- GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- KUPSTAS, Márcia. *Comportamento Sexual em Debate*. São Paulo: Moderna, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MAYER, Dagmar E. Estermann. (Org.) SAÚDE E SEXUALIDADE NA ESCOLA *Cadernos de Educação Básica n. 4*. Editora Mediação 1998.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- PARIS, Ginette. *Meditações Pagãs: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- VEJA. Edição Especial: *JOVENS*. São Paulo: Abril. Ed. 1719^a Ano 34, nº 38, Setembro/2001.